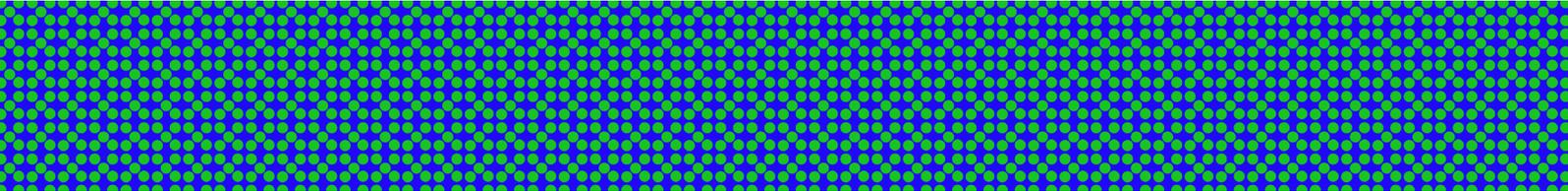


CRÔNICA



Porta falsa do tempo

Kalil de Oliveira¹

Montevidéu

É 1º de maio, 15 horas: as ruas de Montevidéu estão vazias, mas ao mesmo tempo cheias. Tudo está fechado, é preciso caminhar mais de vinte quadras para encontrar algum lugar para comer chivitos – típico sanduíche de carne – ou qualquer outra coisa. Apenas a avenida 18 de Julho tem comércio funcionando, poucos. Escuta-se o silêncio, como se o tempo tivesse congelado décadas atrás. Cantos de pássaros interrompem a quietude. Ao fundo, vez em quando, um reggaeton corta a paz. O sol ilumina; o frio acompanha. Do outro lado da rua, uma mulher chora ao abraçar outra, um homem coloca as malas no Peugeot 106 vermelho estacionado sob um fresno americano. Tem um vaivém tranquilo de pessoas. É esporádico. Passam casais, famílias pequenas, pessoas desacompanhadas. Todos carregam o mate na mão e a garrafa térmica embaixo do braço. Crianças disparam em bicicletas. As praças e parques estão ocupados. Os uruguaios conversam, riem. Eles não gargalham. Churrasqueiras espalham-se pelas calçadas. Os meios-fios estão ocupados por leitores. Os bancos espalhados pela cidade também. Na escada de acesso a uma agência bancária, uma jovem nos seus 18, com metade do cabelo raspado e pintado de azul, alargador, piercing e maquiagem gritante conversa com uma mulher nos seus 70, diria que é a avó. Elas sorriem. Suponho que estão felizes. Não vejo ninguém, ou quase ninguém, no celular.

Segundo o perfil do internauta uruguaio de 2024 – o mais recente –, conduzido pelo Grupo Radar, os uruguaios passam em média sete horas diárias conectados à internet. É um comportamento abusivo, segundo organizações de saúde. No entanto, no Brasil, o consumo digital é maior: 9h13min, de acordo com estudo da We Are Social, também do ano passado.

¹ Estudou Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade de Buenos Aires. Colabora com veículos como a revista piauí e a Folha de S.Paulo, em que foi trainee.

Entramos na avenida Libertador General Lavalleja. Ali há sinais de que uma multidão passou por lá mais cedo.

Bandeiras da Frente Ampla espalham-se ao longo do trajeto, cartazes por direitos sociais preenchem cantos ora vazios. Mais cedo, o ato do Dia do Trabalhador levou milhares de uruguaios ao local. O presidente Yamandú Orsi discursou. Mas nada disso se vê mais.

“És Buenos Aires que tivemos / A que nos anos se distanciou quietamente”, escreve Borges. A sensação é essa. Em um bar, escuta-se Charly García, Spinetta, Gustavo Cerati.

O Uruguai é tranquilo. Lê-se o jornal ou o livro na praça porque é preciso voltar para um tempo com calma. É um país para estar. Apenas. Sentar na praça, matear e ver a vida acontecer. Fazer a vida acontecer. A vida, a alegria, afinal, vive no mistério. Não há desespero aqui. Estamos perdidos. Montevidéu me angustia, e isso é bom. “Porta falsa no tempo, tuas ruas olham ao passado mais leve”, diz o poema de Borges. Estou sensível, tenho vontade de chorar o tempo todo.

Montevidéu é um sonho que não se explica. Aqui tem espaço para a beleza além do útil. Um lugar onde o liso não cabe. O Uruguai é uma utopia que revive os sonhos de uma vida harmônica. A melancolia é o sintoma da busca por si e pelos outros. Tentamos *ser* na periferia do capitalismo. E aqui *somos* felizes porque nos esquivamos da tristeza, como previu Freud em “Mal-Estar na Civilização”.

– Somos um país de leitores – conta Silvana, uma mulher na casa dos 60. Acompanhada de uma amiga, reclamava que o hábito está se perdendo nas novas gerações.

– Minha filha lê bastante – diz com certo orgulho, mas logo se desilude. – lê só os livros da faculdade.

– O meu lia bastante na infância. Agora, nunca mais vi pegar em um livro. Maldito celular – lamenta a amiga.

Os dados corroboram: a Biblioteca País de Ceibal – plataforma digital do governo – emprestou quase meio milhão de livros no último ano. O Uruguai é, segundo a agência nacional de investimentos Uruguai XXI, o país da América Latina com mais leitores. O Ministério da Educação e Cultura também constatou que o mercado editorial tem crescido, a diferença de outras nações da região.

No canto escuro do Bar Fun Fun, três deputados da Frente Ampla traçam suas estratégias. No dia 10, os uruguaios enfrentam as urnas em eleições municipais. Os esquerdistas terão outra vitória: há 47% de intenção de voto na coalizão de Pepe Mujica, segundo a última pesquisa da Equipos Consultores.

Mas, no balcão, intelectuais e artistas desdenham dos políticos do fundo do bar enquanto tomam seus tragos. No centro, pessoas dançam, e no palco o tango corre livre.

Quem me conta isso é Letícia, uma mulher na casa dos 50 anos. Ela está escorada em uma coluna ao meu lado, sozinha. Usa sandálias pretas, vestido verde-água, jaqueta jeans e óculos transparentes. Tem o cabelo curto e repicado.

– Quer um gole de *grappamiel*? – me pergunta.

– Que?

– Grappamiel. Como assim “que”?

– Não sei o que é.

Ela me explica que é um drinque que mistura grapa, destilados e mel. Então aceito o gole. Gosto. Peço uma dose.

– Tens que pedir dose dupla com gelo.

Eu obedeço.

Nesta noite, Leticia dormirá na casa da mãe. A filha, de 22, estudante de pós-graduação em engenharia, não quer que Letícia acorde ela ao chegar em casa bêbada. Leticia conta isso e revira os olhos.

Leticia é funcionária pública, fiscal de energia elétrica. Trabalha com 50 homens, todos apoiadores da Frente Ampla.

– Eu sou de ultraesquerda. Crio confusão. – diz Leticia.

Ela é opositora do governo de Yamandú Orsi.

– É de direita!

Mas diz que o governo do direitista Lacalle Pou foi bom.

A banda, que tocava bachata, interrompe para fazer graça com uma mulher que usava véu em despedida de solteira. Todos riem. Leticia não. Suspira fundo e grita:

– Não te cases! Não faça isso!

Pergunto por quê.

– Casar é um aborrecimento. Todos os dias é o mesmo. Você fica em casa vendo séries da Netflix. A vida é só isso?

À medida que vai tomando *grappamiels*, se anima. Toca o braço do garçom jovem. Passa os dedos no meu bigode.

— És igual ao Cantiflas – diz.

— Quem?

Revira os olhos e conta que foi um ator mexicano que fez sucesso na década de quarenta.

– Aquele homem ali é igual ao Sandro – diz.

– Quem?

Se irrita de novo, diz que foi um cantor argentino. Olho no celular. O homem era igual ao Sandro mesmo.

Ela sai para fumar. Acompanho.

– Você me conheceu sóbria, agora estou um pouco bêbada. Que personagem sou. E também sou atriz. Melhor: era.

— Não atua mais?

– Não paga bem.

Ela conta que tem problemas psiquiátricos, e eu anoto tudo.

– Que tanto tu anota?

Esquivo da pergunta e digo que preciso ir embora.

– Volte amanhã. Vai ser animado.

– *Quizás* – lhe respondo.

– *Quizás, quizás...* Conhece?

Digo que sim e cantarolo.

– Algo tinha que saber!

Caminho pela Rambla. São 16 horas de sábado. Casais apaixonados se olham de frente e trocam carícias. Homens solitários, com suas motos estacionadas, não tiram os olhos do rio da Prata. Tomam seus mates. Adolescentes dançam. Crianças jogam futebol. Velhos e novos pescam, mas pescar não é a atividade principal. É uma cidade para estar apaixonado, inclusive consigo mesmo. Ficar em silêncio, inclusive a dois. Montevideú tem som de silêncio, de pássaros e de tambores. Tem som de silêncio de gente.

É minha última noite em Montevideu. Saio do Teatro Sólis. Caminho em direção ao Bar Tesende. Como uma *pizza al tacho* – massa madre com uma variedade de queijos – sob a sombra de uma estátua de Dom Quixote. Pago a conta e saio a caminhar pelas ruas da Cidade Velha. Passo em frente ao Fun Fun. Leticia está sentada fora, fumando um cigarro. Mas hoje não está sozinha: veio com a mãe. Conta que a filha foi bem na prova e saíram para celebrar.

– Esses são os brasileiros que te contei, mãe, que não conhecem grappamiel, Cantiflas e Sandro – diz sorrindo.

A mãe entra. O vento do Rio da Prata corta a pele. Leticia me convida para acompanhá-las, digo que não posso. Amanhã viajo cedo. Ela então pega seu *grappamiel* e aponta em minha direção.

– Um último gole?

Aceito. Conversamos um pouco. Ela diz que gosta de Tango, sua filha; de Taylor Swift.

– Bom, vou. Não posso deixar a mamãe sozinha.

Deu-me um beijo na bochecha direita, virou-se de costas. Ela abre a porta, o tango fica mais alto e desaparece no clarão do Fun Fun, enquanto eu permaneço na rua, com meu bloco de notas na mão, sob o silêncio e a solidão de Montevideu.

